

família, erradicado o instinto sexual e absorvida a vontade individual, então “não existirá mais amor senão aquele pelo Grande Irmão”. Para alcançar este fim, a filosofia do Partido é simples: não existe realidade exterior à mente que a concebe: dominaí as mentes e dominareis a realidade.

1984 é uma profecia sobre as coisas que virão? Ou, como na sátira swifitiana, um ataque ao presente e uma advertência para que esperemos o pior se não fizermos nada para mudar? Uma anatomia de forma grotesca dos regimes nazista e bolchevique? Para Umberto Eco, pelo menos três quartos desta obra não é distopia, é História. *1984* é um romance, uma obra de imaginação, e como tal pode carregar diversas temáticas com vários níveis de significados. Dela herdamos conceitos como *novi-lingua*, *duplo-pensar*, *Grande Irmão*, etc, que entraram para o vocabulário político do Ocidente.

Nenhuma distopia contemporânea deu margem a tantas discussões sobre seu significado como *1984*, e isso é fácil de entender: *1984* foi publicado no ápice da primeira onda histórica da guerra fria, aparecendo no meio do desenvolvimento do mais importante acontecimento político do nosso tempo. Foi inevitável seu uso como uma das armas da guerra fria. Conservadores apoderaram-se da obra, gratos, e usaram-na como propaganda contra a Rússia.

Os simpatizantes da esquerda podiam por sua vez pensar que o alvo de *1984* fosse o stalinismo, não o socialismo. *1984*, como *Animal farm*, denuncia uma ditadura pessoal e não o socialismo, do qual foi um fervoroso defensor. O romance é obra de um homem que, no clima da guerra fria, vê com angústia formar-se um grande bloco político, dian-

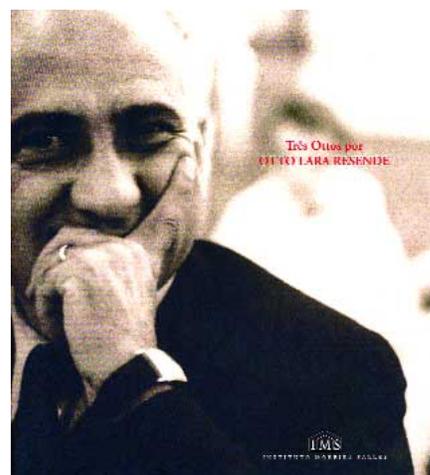
te do qual a revolução russa se degenera numa hipócrita tirania. Isso era suficiente para desiludi-lo, não para fazer dele – como apressadamente se disse – um “conservador moderado”. A posição política de Orwell estava publicada em 1937, na sua obra *The road to Wigan Pier*: “Eu faço parte da esquerda e a essa dedico a minha obra, do mesmo modo como odeio o totalitarismo russo e a sua venenosa influência sobre este país”.

Para os admiradores da obra como fascinante produto de imaginação literária que é, prevalecia que a questão da veracidade ou não da “profecia” orwelliana não dificultasse a compreensão e o valor da obra. Em anos recentes, de fato, proliferaram as interpretações desta obra como alegoria, sátira, autobiografia (lembança dos internatos da infância), religião, etc. Apesar do surpreendente caráter do seu romance, Orwell não é um inovador. O seu mundo é aquele da II Guerra Mundial, porém mais tétrico e desolador.

Considerava Orwell em 1944, em carta a H.J. Willmet, que “o mundo parece mover-se na direção das economias centralizadas”, e junto a isso “avançam os horrores do nacionalismo emotivo e uma tendência à desconfiança na existência da verdade objetiva, enquanto os fatos devem ajustar-se à palavras e às profecias de qualquer *führer* infalível. Já em certo sentido a história deixou de existir; isto é, não há nada que possa ser universalmente aceito como a história de nosso tempo”.

Este é, no essencial, o seu juízo.

Carlos Eduardo Berriel é professor do Departamento de Teoria Literária do IEL-Unicamp. Coordena grupo de estudos sobre Renascimento e Utopia e prepara antologia de utopias italianas.



Capa do livro lançado pelo centro cultural

Coletânea

HOMENAGEM A OTTO LARA

O centro cultural do Instituto Moreira Salles (IMS) no Rio de Janeiro organizou uma dupla homenagem no octogésimo ano de nascimento e décimo ano da morte do escritor e jornalista mineiro Otto Lara Resende: o lançamento do livro *Três Ottos por Otto Lara Resende*, em dezembro passado, e a exposição de fotos do autor, aberta ao público até o início de maio de 2003.

O livro reúne fotos, entrevistas e 23 textos do escritor, a maioria inéditos, produzidos entre 1940 e 1990. Foi organizado por Tatiana Longo dos Santos, do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, sob orientação de Telê Ancona Lopez. O trabalho teve como base o arquivo pessoal do autor, doado por sua família ao IMS, instituição onde foi membro do conselho consultivo até a sua morte, em 1992.

A coletânea lançada traz reflexões do autor sobre a arte de escrever e revela o seu lado poeta que poucos conheciam.